

A109885

São Gabriel da Palha

Tudo por causa de um pobre pescador

Hoje, todos dizem que se trata de um município que deu certo. Mas, anos atrás ninguém acreditava que João Gabriel, um pobre pescador despreparado, tivesse condições de fundar, no meio da mata virgem, um povoado de tanto valor. A história de São Gabriel da Palha, que completa em maio os seus 18 anos de existência legal, é diferente da história da maioria dos

3.800 municípios brasileiros. Ali, a coragem de um homem venceu os perigos e abriu caminho para a chegada de italianos, alemães e poloneses, promovendo uma miscigenação harmoniosa e extremamente frutífera. A prefeitura adiou para agosto próximo as comemorações, mas o povo da cidade quer relembrar agora o seu grande benfeitor.

Daniel Lopes

Tudo começou com um homem simples, de passado comum, chamado João Gabriel. Foi ele quem enfrentou onças furiosas, abriu caminho a foice no meio da mata virgem, curou mordidas de cobras venenosas e evitou vários grupos de índios pintados com as cores da guerra, dispostos a tudo para defender sua privacidade.

Depois, de simples curioso empolgado com o verde das árvores, a piscosidade dos rios e a fertilidade da terra, tornou-se um interessado pelo lugar e decidiu se instalar ali, mesmo que tivesse de enfrentar todos os perigos da terra. Escolheu um lugar bonito, perto da Cachoeira da Onça, construiu uma casa de pau a pique, cobriu com palha e começou a trabalhar.

Trabalhou tanto que em poucos anos sua fama chegou a Colatina, então uma pequena cidade perdida no interior do Espírito Santo. Diziam, nos dias de feira, entre um gole e outro de cachaça, que João Gabriel não era mais o pescador de antes, sempre sem dinheiro, à procura de trabalho. Ficava rico, tornara-se fazendeiro, descobrira ouro e plantava feijão.

Nem tudo era verdade, mas

zas anunciadas. Apesar das esperanças, poucos ficaram. A doença, os perigos e o isolamento se encarregaram de expulsá-los para lugares mais favoráveis.

SEMPRE FIRME

João Gabriel, contudo, permaneceu inabalável. Pescava, plantava feijão, arroz, milho e mandioca e conseguia se manter. Com ele, apenas umas poucas famílias, gente pobre, sem opções. Os índios — ninguém se lembra qual a tribo, mas admite-se ser Guarani — se rebelaram, prometeram atacar, conversaram e, finalmente, desistiram, procurando outros lugares para morar.

O grupo liderado por João Gabriel foi crescendo, tornou-se muito unido e fundou uma pequena vila, ligada ao município de Colatina. Sua produção de feijão, arroz, milho, mandioca e até banana começava a chegar todas as semanas na feira da cidade e não demorou muito, passou também a criar gado, produzindo leite e carne de boa qualidade.

— Foi um tempo muito duro para eles. Eu sei porque o meu avô contava, ele andou por lá nesse tempo — explica Edson Franciscato, hoje residindo em Colatina, e não aguentou. Os

pequena vila gente de todos os tipos: brasileiros, italianos, alemães e algumas famílias polonesas, recém-chegados a Vitória. Bartolo Malacarne, Angelo Pacheco Rolim, Roberto Luiz, José Brega, João Gregório, Vicente Glazar e Bolesval Ruszczycki deram continuidade ao trabalho e se radicaram definitivamente na região.

NASCE A CIDADE

Por volta de 1936, quando os poloneses começaram a chegar ainda encontraram um acampamento índio, mas não havia grandes perigos. Embora arredios, os indígenas estavam aculturados, falavam português, mantinham relações cordiais com os pioneiros. Eles não gostaram da intromissão, ameaçaram muitas vezes mas, a exemplo dos seus antepassados, também foram embora.

A pequena vila foi crescendo. João Gabriel morreu e deixou muitas saudades. Em homenagem a ele, a população decidiu batizar o lugar de São Gabriel da Palha. São Gabriel para lembrar do seu primeiro líder, Gabriel. Palha, porque todas as casas construídas no início da povoação eram cobertas de palha. O nome foi bem aceito e ficou até hoje.

O crescimento de São Gabriel da Palha foi rápido. Em pouco tempo, Colatina, ao qual ele pertencia legalmente, via-se em dificuldades para coordenar sua ação administrativa no lugar. Ficava longe, o acesso era difícil e na época automóvel era coisa rara, desconhecida na região. Para resolver o problema, os



A cidade não é grande e mantém traços de 10 anos atrás, mas já é a 9ª em arrecadação no Estado.

A mensagem foi encaminhada no dia 18 de junho de 1962 e a Assembléia Legislativa agiu com rapidez. No dia 21 de fevereiro do ano seguinte, através da lei 1.837, ela criou o município de São Gabriel da Palha, com área de 1.326 quilômetros quadrados, equivalente a 2,9% do território do Espírito Santo e quatro distritos — Águia Branca, Fartura, São Sebastião da Barra Seca e Valério.

A festa de emancipação, porém, só pôde ser comemorada no dia 14 de maio, quando se deu a instalação oficial. A partir desta época a população de São Gabriel da Palha, constituída por uma mistura de raças bem interessante, — brasileiros, italianos, alemães e poloneses — sempre comemora nesta data o aniversário da cidade. Neste ano, apenas, é que houve uma mudança. A Prefeitura preferiu transferir a festa para agosto, quando vai fazer uma série de inaugurações.

seu primeiro prefeito eleito, chegou em São Gabriel da Palha com 10 anos, em 1936. Ele acompanhou todo o seu desenvolvimento e afirma que o futuro da região está garantido: "Fomos corajosos" — afirma. "Nós plantamos o café conillon e obtivemos ótimos resultados. Agora ele já está plantado, produzindo, e, com isso, a crise não nos afeta tanto".

De 1960 a 1970 o crescimento do município foi bastante acentuado, conseguindo-se obter um ótimo rendimento das propriedades que tinham, em média, de 20 a 100 hectares. Plantava-se feijão, arroz, milho, mandioca, banana e laranja. O café chegou com vontade e logo dominou a região, tornando-se o ponto principal de apoio da economia, mas houve quem optasse pela pecuária, passando a produzir leite e carne.

por essas bandas naquela época não pode imaginar que São Gabriel da Palha fosse ficar assim, um município rico e produtivo" — confessa Edson Franciscato.

Talvez não seja um município tão rico, mas seus habitantes, com certeza, têm motivos de sobra para render-lhe homenagens. São Gabriel da Palha vai colher cerca de 250 mil sacas de café conillon este ano, tornando-se o maior produtor individual desse tipo no Estado. Sua arrecadação de ICM será a nona maior do Espírito Santo e o seu prefeito, Dario Martinelli, tem motivos para sorrir: o orçamento da Prefeitura já supera os Cr\$ 100 milhões.

Todos dizem que se trata de um município que deu certo. Por causa do trabalho árduo e conjunto de brasileiros, italianos, alemães e poloneses, mas, principalmente, em função da coragem de um homem simples, pescador de profissão, chamado

São Gabriel da Palha

Tudo por causa de um pobre pescador

Hoje, todos dizem que se trata de um município que deu certo. Mas, anos atrás ninguém acreditava que João Gabriel, um pobre pescador despreparado, tivesse condições de fundar, no meio da mata virgem, um povoado de tanto valor. A história de São Gabriel da Palha, que completa em maio os seus 18 anos de existência legal, é diferente da história da maioria dos

3.800 municípios brasileiros. Ali, a coragem de um homem venceu os perigos e abriu caminho para a chegada de italianos, alemães e poloneses, promovendo uma miscigenação harmoniosa e extremamente frutífera. A prefeitura adiou para agosto próximo as comemorações, mas o povo da cidade quer lembrar agora o seu grande benfeitor.

Daniel Lopes

Tudo começou com um homem simples, de passado comum, chamado João Gabriel. Foi ele quem enfrentou onças furiosas, abriu caminho a foice no meio da mata virgem, curou mordidas de cobras venenosas e evitou vários grupos de índios pintados com as cores da guerra, dispostos a tudo para defender sua privacidade.

Depois, de simples curioso empolgado com o verde das árvores, a piscosidade dos rios e a fertilidade da terra, tornou-se um interessado pelo lugar e decidiu se instalar ali, mesmo que tivesse de enfrentar todos os perigos da terra. Escolheu um lugar bonito, perto da Cachoeira da Onça, construiu uma casa de pau a pique, cobriu com palha e começou a trabalhar.

Trabalhou tanto que em poucos anos sua fama chegou a Colatina, então uma pequena cidade perdida no interior do Espírito Santo. Diziam, nos dias de feira, entre um gole e outro de cachaça, que João Gabriel não era mais o pescador de antes, sempre sem dinheiro, à procura de trabalho. Ficava rico, tornara-se fazendeiro, descobrira ouro e plantava feijão.

Nem tudo era verdade, mas as notícias voaram de um lado para outro e foram as responsáveis pela avalanche de gente que começou a aparecer nas proximidades da Cachoeira da Onça. Vinham de todas as partes, a pé ou a cavalo, em busca das rique-

zas anunciadas. Apesar das esperanças, poucos ficaram. A doença, os perigos e o isolamento se encarregaram de expulsá-los para lugares mais favoráveis.

SEMPRE FIRME

João Gabriel, contudo, permaneceu inabalável. Pescava, plantava feijão, arroz, milho e mandioca e conseguia se manter. Com ele, apenas umas poucas famílias, gente pobre, sem opções. Os índios — ninguém se lembra qual a tribo, mas admite-se ser Guarani — se rebelaram, prometeram atacar, conversaram e, finalmente, desistiram, procurando outros lugares para morar.

O grupo liderado por João Gabriel foi crescendo, tornou-se muito unido e fundou uma pequena vila, ligada ao município de Colatina. Sua produção de feijão, arroz, milho, mandioca e até banana começava a chegar todas as semanas na feira da cidade e não demorou muito, passou também a criar gado, produzindo leite e carne de boa qualidade.

— Foi um tempo muito duro para eles. Eu sei porque o meu avô contava, ele andou por lá nesse tempo — explica Edson Franciscato, hoje residindo em Colatina — e não aguentou. Os pioneiros de São Gabriel da Palha foram gente muito forte. Eles aguentaram firme todos os reveses e, enfim, venceram. Merecem todo nosso respeito.

Seguindo o caminho aberto por João Gabriel, foram para a

pequena vila gente de todos os tipos: brasileiros, italianos, alemães e algumas famílias polonesas, recém-chegados a Vitória. Bartolo Malacarne, Angelo Pacheco Rolim, Roberto Luiz, José Brega, João Gregório, Vicente Glazar e Bolesval Ruszczycski deram continuidade ao trabalho e se radicaram definitivamente na região.

NASCE A CIDADE

Por volta de 1936, quando os poloneses começaram a chegar ainda encontraram um acampamento índio, mas não havia grandes perigos. Embora arreios, os indígenas estavam aculturados, falavam português, mantinham relações cordiais com os pioneiros. Eles não gostaram da intromissão, ameaçaram muitas vezes mas, a exemplo dos seus antepassados, também foram embora.

A pequena vila foi crescendo. João Gabriel morreu e deixou muitas saudades. Em homenagem a ele, a população decidiu batizar o lugar de São Gabriel da Palha. São Gabriel para lembrar do seu primeiro líder, Gabriel. Palha, porque todas as casas construídas no início da povoação eram cobertas de palha. O nome foi bem aceito e ficou até hoje.

O crescimento de São Gabriel da Palha foi rápido. Em pouco tempo, Colatina, ao qual ele pertencia legalmente, via-se em dificuldades para coordenar sua ação administrativa no lugar. Ficava longe, o acesso era difícil e na época automóvel era coisa rara, desconhecida na região. Para resolver o problema, os vereadores tomaram a decisão de encaminhar a Resolução 77 para a Assembléia Legislativa autorizando a criação de dois novos municípios até então distritos de Colatina — São Gabriel da Palha e Pancas.



A cidade não é grande e mantém traços de 10 anos atrás, mas já é a 9ª em arrecadação no Estado.

A mensagem foi encaminhada no dia 18 de junho de 1962 e a Assembléia Legislativa agiu com rapidez. No dia 21 de fevereiro do ano seguinte, através da lei 1.837, ela criou o município de São Gabriel da Palha, com área de 1.326 quilômetros quadrados, equivalente a 2,9% do território do Espírito Santo e quatro distritos — Águia Branca, Fartura, São Sebastião da Barra Seca e Valério.

A festa de emancipação, porém, só pôde ser comemorada no dia 14 de maio, quando se deu a instalação oficial. A partir desta época a população de São Gabriel da Palha, constituída por uma mistura de raças bem interessante — brasileiros, italianos, alemães e poloneses — sempre comemora nesta data o aniversário da cidade. Neste ano, apenas, é que houve uma mudança. A Prefeitura preferiu transferir a festa para agosto, quando vai fazer uma série de inaugurações.

ALTOS E BAIXOS

Eduardo Glazar, filho de um dos fundadores do município e

seu primeiro prefeito eleito, chegou em São Gabriel da Palha com 10 anos, em 1936. Ele acompanhou todo o seu desenvolvimento e afirma que o futuro da região está garantido: "Fomos corajosos" — afirma. "Nós plantamos o café **conillon** e obtivemos ótimos resultados. Agora ele já está plantado, produzindo, e, com isso, a crise não nos afeta tanto".

De 1960 a 1970 o crescimento do município foi bastante acentuado, conseguindo-se obter um ótimo rendimento das propriedades que tinham, em média, de 20 a 100 hectares. Plantava-se feijão, arroz, milho, mandioca, banana e laranja. O café chegou com vontade e logo dominou a região, tornando-se o ponto principal de apoio da economia, mas houve quem optasse pela pecuária, passando a produzir leite e carne.

Nos últimos 10 anos, contudo, a situação melhorou muito, a resistência do **conillon** à ferrugem que grassava em todo o Estado influenciou os produtores e eles passaram a obter safras cada vez maiores. "Quem andou

por essas bandas naquela época não pode imaginar que São Gabriel da Palha fosse ficar assim, um município rico e produtivo" — confessa Edson Franciscato.

Talvez não seja um município tão rico, mas seus habitantes, com certeza, têm motivos de sobra para render-lhe homenagens. São Gabriel da Palha vai colher cerca de 250 mil sacas de café **conillon** este ano, tornando-se o maior produtor individual desse tipo no Estado. Sua arrecadação de ICM será a nona maior do Espírito Santo e o seu prefeito, Dario Martinelli, tem motivos para sorrir: o orçamento da Prefeitura já supera os Cr\$ 100 milhões.

Todos dizem que se trata de um município que deu certo. Por causa do trabalho árduo e conjunto de brasileiros, italianos, alemães e poloneses, mas, principalmente, em função da coragem de um homem simples, pescador de profissão, chamado João Gabriel. E em agosto próximo, quando se comemorar a maioria da cidade, com certeza seu nome será novamente lembrado como o pioneiro, o primeiro a acreditar em São Gabriel da Palha.